

Reviravolta na sucessão do Senado

Gilberto Miranda troca PMDB pelo PFL, facilitando a candidatura de ACM à presidência da Casa

Geraldo Magela

O senador Gilberto Miranda (AM) anunciou ontem sua saída do PMDB e o ingresso no PFL, detonando uma verdadeira guerra na sucessão das presidências da Câmara e do Senado. A decisão de Miranda caiu como uma bomba nas duas Casas e foi interpretada pelos peemedebistas como traição. "Ele não é um homem político, é um homem de negócios", atacou o senador Ney Suassuna (PB).

Maior partido no Senado, com 24 senadores até ontem, o PMDB tinha pela praxe o direito de indicar o presidente da Casa. O que a liderança da bancada não contava era também com a saída do senador Ernandes Amorim (RO), que estaria sendo articulada por Miranda. Ao se confirmar o ingresso também de Amorim, o PFL passa a ter maioria, com 24 senadores. Mesmo que a adesão se restrinja a Miranda, alcançará 23 cadeiras, contra 22 do PMDB. Com isso, Antônio Carlos Magalhães, do PFL da Bahia, fica mais próximo da presidência do Senado.

Segundo o senador Gilberto Miranda, a insatisfação com o PMDB vem desde a votação do projeto Sivam (Sistema de Vigilância da Amazônia). Mas o estopim foi a posição tomada

pelo partido durante a votação do Código Nacional de Trânsito na quarta-feira. Miranda, que é relator da matéria, defendeu duas alterações no projeto que foram rechaçadas publicamente pela liderança do partido. Em um dos artigos, o senador defendeu a obrigatoriedade do cinto de segurança para transporte público, inclusive para os passageiros de ônibus que andam em pé.

Ajuda - Os senadores não conseguiram esconder a indignação. Miranda era braço direito do líder do PMDB no Senado, Jáder Barbalho (PA) e do presidente do Senado, José Sarney (AP). "Foi ingratidão, se não fosse o Jáder, o Gilberto poderia ter sido cassado na época do Sivam", disse o senador Ney Suassuna. Para os peemedebistas, Gilberto Miranda trocou de partido porque teria conseguido ajuda da cúpula pefelista para "aliviar" uma dívida junto a Receita Federal que poderia chegar a R\$ 400 milhões. "O que se fala é que ele trocou de partido porque gente do PFL poderia ajudá-lo junto à Receita", disse Suassuna. Ele lembra que Miranda cansou de anunciar que mais de 80 fiscais da Receita estavam fiscalizando suas empresas.

Respondendo as acusações dos peemedebistas, o senador amazonense disse não acreditar que os parlamentares possam pensar que a Receita "alivia" a pena de alguém. Jáder Barbalho, em tom irônico, afirmou que Miranda deve ter meditado muito antes de tomar a decisão. "Ele deve estar vivendo um problema muito sério", disse. O senador afirmou ainda que não tinha sido comunicado oficialmente da saída de Gilberto Miranda. Sobre a alegação de Miranda que o partido não tinha sido fiel a ele, Jáder respondeu: "Vocês da imprensa acreditam nisso? Eu não".

A partida de Amorim, porém, ainda não está definida. Ele assegura que não deixou o PMDB de vez. Estaria fora apenas por problemas regionais, prometendo voltar ao partido logo após as eleições. Nesse caso, PMDB e PFL ficariam empatados com 23 cadeiras. Mas também pode ocorrer algo de muito diferente. Afirma-se que não só Amorim seguiria Miranda como serviria de exemplo para outro obscuro senador peemedebista da região Norte, João França. Nesse caso o PFL saltaria para 25 cadeiras, contra 21 do PMDB e ficaria inalcançável.



Gilberto Miranda e Jader Barbalho: personagens de uma confusão que pode mexer com a sucessão no Congresso